

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) SAULO XAVIER DE PINA FILHO

APLICAÇÃO DA GUERRA HÍBRIDA PELA RÚSSIA:

Os métodos empregados pela Rússia na Ucrânia e na Síria – Um Estudo Comparativo

Rio de Janeiro

2020

CC SAULO XAVIER DE PINA FILHO

APLICAÇÃO DA GUERRA HÍBRIDA PELA RÚSSIA:

Os métodos empregados pela Rússia na Ucrânia e na Síria – Um Estudo Comparativo.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Escola de Guerra Naval

Rio de Janeiro

2020

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente presto minha gratidão a Deus, por sua misericórdia e piedade, por ter me dado saúde e força para superar as adversidades e vencer essa jornada.

Aos meus pais Saulo e Deise, pela vida e por me oferecerem uma base sólida, pois foi a partir dela que eu consegui trilhar meu caminho e os meus objetivos.

À minha amada esposa Thaís pelo irrestrito e persistente incentivo durante o período de elaboração deste trabalho e aos meus queridos filhos Débora, Rafael e Rebeca, pela paciência e compreensão pelos momentos que os privei da minha presença.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, agradeço pelos valiosos ensinamentos transmitidos, sempre de maneira amigável e cortês. Saiba que suas precisas orientações e, sobretudo, seu exemplo de entusiasmo e profissionalismo foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Ao Pesquisador Frederico Aranha pela ajuda e apoio dispensados a mim por ocasião da fase de pesquisa o que permitiu a conclusão desse trabalho.

Aos meus amigos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores do ano de 2020, agradeço de forma especial a todos da turma Almirante Maximiliano mais uma vez estarmos reunidos com o mesmo propósito.

E enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

O propósito da pesquisa é salientar e elucidar quais as similaridades e singularidades, por meio de estudo comparativo, entre às ações utilizadas pela Rússia na guerra contra a Ucrânia e no conflito na Síria, na moldura temporal dos anos 2014 e 2015 respectivamente, sob a ótica da Guerra Híbrida. Usando o apoio da teoria de Guerra Híbrida de Frank G. Hoffman (2007), as similaridades e singularidades entre as duas formas de condução dos conflitos, basearam-se nos métodos, meios e os fins alcançados. Identificou-se a forma de condução das forças russas na Ucrânia e a sua relação com os métodos preconizados pela Guerra Híbrida, principalmente na associação entre forças convencionais, forças irregulares, ações de informação e ações políticas e diplomáticas na busca de alcançar os objetivos estratégicos. A análise do conflito Sírio também manteve o foco nas técnicas, táticas e procedimentos russos e como a Rússia dentro de uma estratégia mais ampla empregou diversas ferramentas, potencializando suas forças e alcançando seus fins. Verificou-se que os conflitos possuem similaridades nos métodos empregados e singularidades nos meios e nos fins, além disso, nas duas ocasiões a Rússia empregou a estratégia de uma guerra híbrida, mesclando diferentes ações, militares e não militares, atuando em diversos espectros dificultando a tomada de decisões pelos adversários.

Palavras-chave: Rússia. Ucrânia. Síria. Guerra Híbrida. Forças Convencionais. Forças Irregulares. Ações de Informações. Ações militares e Não militares.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Representação gráfica do Continuum do Conflito .....	52
Figura 2 -	Representação Gráfica do conceito de Guerra Híbrida.....	53
Figura 3 -	Representação Gráfica da “Nova Abordagem” apresentada pelo General Velary Gerasimov na Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional .....	54
Figura 4 -	Linha do Tempo das Operações Russas na Criméia.....	55
Figura 5 -	Ataques aéreos da Rússia na Síria de 30 de Setembro a 30 de Outubro de 2015.....	56

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TÉORICA</b> .....	<b>8</b>
2.1	Características dos Conflitos Modernos .....	8
2.1.1	A Guerra Irregular .....	11
2.1.2	Revoltas, Revoluções e Insurgências .....	12
2.2	Guerra Híbrida .....	14
2.3	Conceito de Guerra Híbrida para a Rússia .....	18
2.4	Conclusões Parciais .....	22
<b>3</b>	<b>UCRÂNIA</b> .....	<b>23</b>
3.1	Rússia e Ucrânia .....	23
3.2	A Guerra de Informações russas .....	25
3.3	Guerra Irregular como preparação para a Guerra Convencional .....	28
3.4	A Guerra Convencional .....	30
3.5	Conclusões Parciais .....	31
<b>4</b>	<b>SÍRIA</b> .....	<b>32</b>
4.1	Prenúncios de uma Guerra .....	32
4.2	Relações entre Rússia e Síria .....	34
4.3	A Campanha russa .....	35
4.3.1	Emprego de Forças Convencionais russas .....	36
4.3.2	Apoio as Forças Irregulares .....	37
4.3.3	Uso da Informação como Arma .....	38
4.4	Conclusões Parciais .....	39
<b>5</b>	<b>SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS</b> .....	<b>41</b>
5.1	As Similaridades .....	41
5.2	As Singularidades .....	44
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>52</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos do século XXI, o mundo assistiu a forma assustadora dos atentados às torres do World Trade Center e ao Pentágono, em 2001, nos Estados Unidos da América (EUA). Onde a maior potência militar sofreu um ataque em seu próprio território e apesar dos grandes investimentos em defesa, não foram suficientes para prevenir o atentado. Surge então uma série de debates sobre as novas ameaças a serem enfrentadas no novo século e as mudanças no caráter da guerra.

A guerra como fenômeno social e político é tão antiga quanto à própria sociedade e desde então sua evolução tem acompanhado as evoluções sociais. Na era pré-industrial<sup>1</sup>, por se tratar de sociedades agrícolas, os conflitos objetivavam a conquistas de novas terras, para assim poder alimentar sua população, as riquezas eram tiradas da terra e o que dela se produzia. Com a Revolução Industrial (1760-1840), a sociedade sofreu mudanças significativas e as guerras também. Novas armas foram criadas e o mundo viu e sofreu com as duas guerras mundiais<sup>2</sup>. A comunidade internacional saiu tão destruída e debilitada que buscou a criação de organizações que evitassem que o mundo experimentasse seus horrores novamente, é o caso da Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>3</sup>.

Após a segunda guerra mundial, o mundo explodiu em diversos conflitos menores, tendo como pano de fundo as duas maiores potências hegemônicas da época, os EUA e ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), advento conhecido como Guerra Fria (1947-1989). A guerra por procuração<sup>4</sup> passa a ser o *modus operandi*<sup>5</sup>. Assim observamos um esvaziamento dos poderes estatais e perda do monopólio de uso da força por

---

<sup>1</sup>A era pré-industrial se trata da época antes da Revolução Industrial (ocorrida entre 1750 a 1850), onde não se haviam as máquinas para auxiliarem a força de trabalho na exploração das riquezas.

<sup>2</sup>A Primeira Guerra Mundial de 1914 a 1918 e a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945.

<sup>3</sup>A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em 24 de Outubro de 1945.

<sup>4</sup>A Guerra por Procuração (ou *Proxy Warfare*) é uma participação, normalmente de Grandes Potências, de forma indireta em um conflito de terceiros, com o objetivo de influenciar o seu resultado estratégico.

<sup>5</sup>*modus operandi* expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar umamaneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos. (OSHISANYA, 2015)

parte dos Estados.

Ao se aproximar do fim do século XX, a queda da URSS (1989) e a Guerra do Golfo (1991) trouxeram a perspectiva que uma nova ordem mundial estava iniciando, em que os EUA seriam a única potência hegemônica. Mas na verdade o que se viu foi um grande número de pequenas guerras empregando métodos diferentes, como o terrorismo. O avanço da globalização, das comunicações e das redes sociais possibilitou que atores não estatais tivessem a possibilidade de organizar suas ações. A guerra na era da informação toma proporções diferentes daquelas das eras passadas.

Nesse cenário nasce um conceito que abordaremos nesse trabalho conhecido como a Guerra Híbrida. Para entendermos melhor os conceitos abordados sobre a Guerra Híbrida, dividimos o trabalho da seguinte forma, após a introdução, um capítulo que aborda as principais conceituações teóricas que ajudarão no entendimento do tema. Um próximo capítulo abordando o conflito ocorrido entre a Rússia e a Ucrânia, principalmente no ano 2014, buscando identificar se a condução russa teve aderência à forma de condução de um conflito híbrido. O capítulo seguinte versará sobre a crise na Síria, exclusivamente no ano de 2015, quando a Rússia oficialmente passou a fazer parte do conflito. Ainda nesse capítulo buscaremos identificar se a atitude da Rússia na condução das suas operações tem conexão com o preconizado na guerra híbrida.

Após a abordagem desses dois conflitos, será traçado um paralelo entre as duas guerras destacando as suas similaridades e singularidades. Como uma parte final do trabalho um capítulo de conclusão. Dessa forma, buscamos atingir o propósito do trabalho que é realizar uma comparação entre as ações russas na Ucrânia e na Síria sob a ótica desse novo conceito de guerra híbrida.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL E TEÓRICA**



Nesta seção apresentaremos a fundamentação teórica do presente trabalho, onde abordaremos o conceito de Guerra de quarta geração como uma forma de descrever a natureza dos conflitos atuais, em seguida comentaremos as questões sobre as insurgências e a Guerra Irregular. Na sequência será exposto o conceito de Guerra Híbrida e como os tópicos abordados anteriormente se relacionam com esse conceito. Será visto a visão russa sobre a guerra híbrida e o contra ponto entre a definição e essa forma peculiar de abordar o tema pela Rússia. Por fim faremos uma conclusão parcial da seção, destacando os principais pontos vistos até o momento.

Após o final da II GM, percebemos uma mudança significativa da forma com as guerras são conduzidas. Percebemos que, com o passar dos anos, os Estados têm perdido seu papel principal e passado a atuar como mais um ator, partilhando com outros atores o uso da força. Entender essas mudanças e compreender os conflitos atuais, pode nos ajudar a antever e preparar as Forças Armadas para as novas ameaças.

Neste tocante, discorreremos sobre essas mudanças nos conflitos atuais e o novo conceito de Guerra Híbrida.

## **2.1 As Características dos Conflitos Modernos**

Quando a Guerra Fria caminhava para o seu fim, em 1989, um conceito foi apresentado por William S. Lind, Keith Nightengale, Joseph Sutton, Gary Wilson e John Schmitt. Esses militares realizaram um estudo qualitativo sobre a guerra moderna<sup>6</sup>, com o propósito de assim poder descrever a natureza e características dos próximos conflitos, surgindo assim, o conceito de guerra de quarta geração.

---

<sup>6</sup> Para efeito desse trabalho consideramos “guerras modernas” aquelas realizadas na era da informação, que tem sido travadas por meio de ações simultâneas de naturezas distintas, não necessariamente militares. Possuem significativa variação do nível de intensidade do uso da força com nível grande de métodos modernos de guerra. (VISACRO, 2018).

Segundo Lind et al. (1989), a primeira geração está compreendida desde a Paz de Vestfália<sup>7</sup>(1648) até o período das Guerras Napoleônicas<sup>8</sup> (1803 a 1815). Neste período o Estado conquistou o monopólio do uso da força, passaram a constituir seus exércitos e o emprego de uso das massas durante os combates era o estilo de guerra empregado. As guerras nesse período eram única e exclusivamente lineares, ou seja, os oponentes se encontravam em lados opostos dos campos de batalha. Com formações bem cerradas e definidas, sua disciplina era medida pela forma como cumpriam os toques de ordem unida, sendo realizadas em grandes batalhas campais e seu principal objetivo era cerrar sobre o inimigo e destruí-lo completamente.

Com o advento da II Revolução Industrial, em meados do século XIX, a forma de fazer a guerra sofreu influência trazida pelo avanço tecnológico ocorrido no período. Daí surge à guerra de segunda geração. Tendo como principal característica o Apoio de Fogo, basicamente a artilharia e metralhadoras pesadas, os conflitos dessa geração tiveram seu ápice na Primeira Guerra Mundial. Acreditava-se, a época, que a Primeira Guerra Mundial seria rápida, mas com o desenrolar dos conflitos o que podemos perceber foi exatamente o contrário. O que ocorreu foi uma grande diferença entre a tecnologia e a tática empregada, favorecendo a guerra de atrito, sendo a defesa priorizada e assim uma perda da mobilidade tática (VISACRO, 2009).

Como forma de não repetir a paralisia vivida na Primeira Guerra Mundial, o exército alemão, na Segunda Guerra Mundial, lança a tática conhecida “blitzkrieg”<sup>9</sup>, com movimentos rápidos que buscavam atingir a retaguarda do inimigo. Essa tática alemã é um exemplo clássico da atuação de um conflito com características de terceira geração.

<sup>7</sup> A Paz de Vestfália foi um acordo assinado em 1648 entre os países da Europa que pôs fim a Guerra dos Trinta Anos, esse acordo é considerado como o nascimento do Estado Moderno.

<sup>8</sup> Período das campanhas napoleônicas pela Europa, compreendido entre 1803 a 1815.

<sup>9</sup> Também conhecida como Guerra Relâmpago, foi uma tática usada pelo exército alemão, na II GM, onde se empregava forças com grande mobilidade e poder de fogo (normalmente associava os blindados com a aviação). Com propósito de surpreender o adversário.

A guerra de terceira geração é baseada não no poder de fogo e atrito, mas na velocidade, surpresa e no deslocamento mental e físico. Taticamente, durante o ataque, o militar da terceira geração procura adentrar nas áreas a retaguarda do inimigo, causando-lhe o colapso da retaguarda para a frente. A guerra de terceira geração é não linear. (LIND et al., 1989, p. 13)<sup>10</sup>

Após a II GM, o mundo passou por uma rivalidade entre dois grandes blocos antagônicos. De um lado os Estados Unidos da América e de outro a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS), disputando assim a influência mundial, disputa essa conhecida como Guerra Fria. Esse conflito alterou a forma de se lutar, essa disputa bipolar, trouxe uma ameaça de uma guerra nuclear devastadora, contribuindo assim para um clima de terror, proporcionado pelo crescente avanço tecnológico (NUNES, 1996).

Neste contexto, e fruto da dissuasão nuclear mútua, os dois blocos passaram a dotar uma tática de guerra por procuração. Onde eram escolhidos atores locais, favoráveis a sua causa e prestava-se todo o apoio, tanto militar como econômico. Com isso, o que houve foi uma total mudança, onde não se via mais conflitos entre dois Estados desenvolvidos. Resultantes do fim dos impérios coloniais, emergiu uma série de atores não estatais, apoiados por um dos dois blocos, fazendo uso da violência para conseguir seus objetivos.

Com base nisso foi delineado os conflitos de quarta geração. Autores refletiram sobre as principais características do conflito de quarta geração e destacaram: perda do monopólio estatal; mudança do conceito de vanguarda do exército inimigo para o interior da sociedade do oponente; emprego de menores efetivos com liberdade de ação; uso das cidades com ambiente operacional; e ordens sobre a forma de missão por finalidade (VISACRO, 2009). Podemos assim perceber que a guerra de quarta geração não é apenas uma confrontação entre dois exércitos de Estados de lados antagônicos. Ela vai além e usa todas as formas de pressão possíveis, seja o político, militar, econômico e social, para convencer o

---

<sup>10</sup> “Based on maneuver rather than attrition, third generation tactics were the first truly nonlinear tactics. The attack relied on infiltration to bypass and collapse the enemy's combat forces rather than seeking to close with and destroy them. The third generation war is non-linear” (LIND, 1989)

decisor oponente de que seus objetivos não serão atingidos ou os custos para atingi-los serão extremamente altos.

Com a perda do monopólio da violência pelos os Estados nacionais, a guerra irregular passou a ser usada como uma ferramenta bastante eficaz nos conflitos de quarta geração. Mas isso não quer dizer que os conflitos dessa geração só empregam a guerra irregular, mas seu estudo é de fundamental importância para se entender os litígios atuais.

### **2.1.1 A Guerra Irregular**

As vitórias ao longo da história de forças menores contra exércitos regulares estatais, revelou a importância de se investigar como fenômenos causados por grupos, normalmente mal treinados e mal armados, conseguiram obter êxito em campanhas contra forças regulares com poder bélico muito superior. Exemplos como a Guerra da Argélia (1954-1962), a resistência afgã a invasão soviética (1979-1989) e o Vietnã (1955-1975), tiveram como ponto em comum a aplicação eficaz da guerra irregular contra um inimigo superior.

O conflito irregular é geralmente iniciado como um conflito armado, no qual uma das partes, ou as duas, não constituem grandes unidades, mas grupos pequenos de ação, cujo desfecho não é decidido em grandes e poucas batalhas, diferentemente, a decisão é buscada através de um número muito grande de operações menores, usando-se largamente pequenas incursões. A guerra irregular é a “guerra das sombras” (VON DER HEYDITI, 1990).

Com o caráter ativo, inconstante, fluido e informal o combate irregular tem desafiado os estudiosos das guerras, que tentam colocá-lo sob os padrões doutrinários rígidos da guerra regular. A dificuldade de se tecer conceitos didáticos permitiu o surgimento de uma série de definições de uso comum como “pequena guerra”, “guerra não convencional” e “guerra de baixa intensidade” (VISACRO, 2009).

Como podemos perceber a definição de guerra irregular não é unânime e sofreu

alterações fruto do contexto histórico. Mas para entender é preciso partir da premissa que nesse tipo de conflito não existe regras claras definidas e suas aplicações não seguem padrões rígidos, podendo assim se adaptar a situação vigente e lançar mão de formas de emprego que se obtenha vantagens das situações políticas, sociais e até militares.

Para o entendimento da guerra irregular se faz necessário o conhecimento do ambiente psicossocial em que se está inserido. Seu êxito ou fracasso está intimamente ligado ao uso correto dos fatores históricos, culturais, étnicos, econômicos e psicológicos, para com bases nesses fatores definir brechas que podem ser aproveitadas e exploradas para o desenvolvimento da Guerra irregular. Logo os conflitos irregulares necessitam de um ambiente propício para se desenvolver, as forças irregulares são diferentes não pelos métodos ou técnicas que utilizam, mas sim pelo ambiente que estão inseridas.

Para efeito desse estudo e para futura correlação com o conceito de guerra híbrida, adotaremos a definição de guerra irregular de acordo com Visacro (2009, p. 101), “todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional”.

### **2.1.2 Revoltas, Revoluções e Insurgências**

Por muitos anos o conceito de guerra irregular esteve associado ao conceito de guerra de guerrilha e subversão. A busca de um povo por romper pela dominação política vigente possibilitou o surgimento de grupos que estariam dispostos a pegar em armas para se contrapor a seus governantes. Particularmente durante a segunda metade do século XX, os conceitos de “guerra interna” e “guerra irregular” mantiveram-se associados e sob uma mesma ótica jurídica. As tensões políticas vividas no período da Guerra Fria possibilitaram o conceito de guerra interna segundo bases ideológicas, distintas em duas classes, guerra revolucionária e insurreição (VISACRO, 2009).

A revolução, o golpe e a insurgência são três formas de se tomar o poder pela força, com algumas diferenças entre elas. A revolução é geralmente, um movimento explosivo, repentino, curto e espontâneo e sem planejamento (França em 1789, China em 1911, Rússia em 1917 e Hungria 1956) somente podendo ser explicado depois e não antes. Um golpe já possui a ação coberta de algum grupo contra a liderança em seu país, fruto de sua natureza clandestina, o golpe não envolve as massas, seu planejamento pode ser longo, mas sua aplicação é rápida e repentina (golpe contra Hitler em 1944 e os golpes no Iraque contra o Rei Faisal em 1958). Já a insurgência é uma luta de longa duração, planejada e executada metodicamente, com o propósito de conquistar objetivos intermediários que levem, finalmente, a queda da ordem vigente. Consideraremos que o termo guerra revolucionária abrange os dois lados conflitos e as três formas citadas anteriormente (GALULA, 1964).

Nesse contexto, podemos perceber que um enfrentamento direto entre rebeldes e contra-rebeldes levariam aqueles a destruição total, pois não teriam capacidade de se opor a força militar de seus oponentes. Assim, para tentar conquistar a vitória, os insurgentes buscam a luta em um terreno diferente, onde a força do seu oponente não teria tanta efetividade. Esse novo local é justamente a população, onde a força ideológica do insurgente terá grande oportunidade de crescer e se desenvolver.

Dentro desse campo ideológico, a insurgência não poderá prosseguir a menos que tenha uma base ideológica bem fundamentada, para assim conseguir conquistar os corações e mentes da população que lhe servirá de apoio para a continuação da luta. Mas para a difusão dessa ideologia favorável a sua causa, os insurgentes lançam mão de uma arma muito eficaz que é a propaganda, com o intuito de captar adeptos e colaboradores. É justamente nessa campanha de propaganda que a assimetria entre os lados opostos se torna mais latente, de um lado temos o movimento insurgente que não possui responsabilidades nenhuma e não deve satisfação a nenhum órgão se não única exclusivamente a sua causa. Podendo assim construir

campanhas propagandísticas falsas a fim de manipular essa população. Em contra partida, do outro lado do conflito os responsáveis de conduzir a campanha contra a insurgência, não possuem essa liberdade e estão presos ao passado e devem satisfações a diversos órgãos internacionais ou nacionais. Para eles a propaganda se torna uma arma no máximo secundária.

Com base nisso, podemos associar a Guerra Irregular com as guerras revolucionárias. Podemos dizer que as duas são conduzidas dentro do seio de uma sociedade e precisam do apoio da população para seu desenvolvimento. São longas e servem para corroer o adversário mais forte aos poucos até conseguir a vitória final. Fazendo uma analogia, podemos dizer que a guerra revolucionária é que traça os objetivos estratégicos e a guerra irregular é responsável pelos movimentos táticos e operacionais.

## **2.2 Guerra Híbrida**

Estrategistas militares no mundo todo tem se deparado a cada dia com uma variação constante de desafios a enfrentar, atores não estatais, terrorismo, ameaças convencionais, irregulares, agitações sociais e até mesmo movimentos separatistas ou insurgências. Assim, a preparação das Forças Armadas para qualquer enfrentamento hoje deve estar atenta para ações de amplo espectro. Como ponto de partida desse cenário, surge um conceito conhecido como Guerra Híbrida.

Esse termo foi utilizado pela primeira vez em um artigo do Major William Nemeth em 2002. Nessa tese, Nemeth analisou as duas guerras em que Chechênia<sup>11</sup> enfrentou a Rússia, e como os rebeldes chechenos derrotaram o exército russo. Ao analisar a sociedade chechena, observou-se que ela era baseada nas relações das tribos e clãs, tendo como raiz a

---

<sup>11</sup>O conflito entre a Rússia e rebeldes chechenos ocorreu em dois períodos, um primeiro momento de 1994 a 1996 e um segundo momento de 1999 a 2000. Nesse conflito as forças russas enfrentaram os rebeldes chechenos que tinham o propósito de separar a Chechênia da Rússia. Nesses dois conflitos as forças russas muito superiores, sofreram com a forma de lutar dos chechenos (RAND, 2001).

Charia<sup>12</sup> com os princípios do ramo sunita. Na análise da comunidade chechena, Nemeth, percebeu que os chechenos possuíam uma forte ligação com as tradições étnicas e religiosas, mas em algumas partes da sua comunidade os chechenos mesclavam o tradicional com o moderno, isso se estendia também para os campos político e militar.

As forças militares Chechenas obtiveram experiências nas forças soviéticas durante as disputas ocorridas na região do Cáucaso, na década de 90. Os militares chechenos se sentem confortáveis lutando na forma de guerrilha e usam com bastante habilidade táticas não convencionais. Os chechenos exibem tendências das sociedades pré-estatais que se organizam para guerra. Eles organizam as unidades militares ao longo das linhas sociais, fornecem treinamento militar para toda a população através das famílias, e os líderes militares são escolhidos de acordo ao grau de parentesco de seus liderados, tendo um maior apreço a figura dos líderes. Os chechenos demonstraram tremenda facilidade com a tecnologia, inovando na forma de transmissão de ordens. A capacidade de misturar tecnologia com guerrilha aumentou a eficácia chechena e abalou a moral russa. Somente uma sociedade “híbrida” poderia conduzir uma guerra híbrida (NEMETH, 2002).

Mas a base teórica sobre a Guerra Híbrida foi lançada em um artigo por Frank Hoffman intitulado “*Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*”<sup>13</sup>. Em que o autor usa como base o conflito entre o Estado de Israel e o grupo radical libanês Hezbollah<sup>14</sup>.

O futuro não possui um conjunto de desafios distintos com métodos alternativos ou diferentes, mas sua convergência em guerras multimodais ou híbridas. “Guerras Híbridas” misturam letalidade do conflito estatal como fervor fanático e prolongado da guerra irregular. A palavra híbrida abrange tanto sua organização quanto seus meios. Estas

<sup>12</sup> Conjunto de leis islâmicas pautadas no Alcorão e nos ensinamentos de Maomé, servindo de guia para a vida de qualquer muçumano. É corpo da lei religiosa islâmica e significa “caminho para a fonte”.

<sup>13</sup> Publicado pela *Potomac Institute for Policy Studies*, Dec. 2007.

<sup>14</sup> Em árabe significa “Partido de Deus” é um grupo islâmico Xiita, originalmente era um grupo paramilitar e hoje já assume status de partido político no Líbano. Teve sua origem em 1982 na Guerra Civil do Líbano. Pelo fato de ser um movimento xiita, possuem bastante ligação com o Irã.



guerras híbridas são polimorfos por sua natureza, assim como seus antagonistas. Os conflitos híbridos podem ser conduzidos por ambos os Estados e uma variedade de atores não-estatais, incorporando uma série de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, ataques terroristas, desordem social, movimentos separatistas e sanções econômicas (HOFFMAN, 2007).

Assim após um ator de guerra híbrida traçar seus objetivos estratégicos, lança mão de uma gama de ferramentas, usando essa fusão de métodos e modos de guerra para assim alcançar seus objetivos. Podem, nos momentos iniciais, adotar uma campanha irregular e a partir que for alcançando seus objetivos operacionais, mudar sua postura para um conflito regular. Faz-se necessário ter a capacidade de executar atividades militares e não-militares, convencionais e irregulares e até mesmo terroristas e criminais, para explorar as características do ambiente operacional, desgastando o adversário e atingir uma situação favorável.

Após a vitória da Rússia sobre a Ucrânia em 2014, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) passou a estudar o tema, realizando análises, experimentações e programas de trabalho visando desenvolver um conceito sobre essa ameaça, conforme afirmou o General Breedlove o Comandante Aliado da Organização em 2015. Para a Breedlove, a guerra híbrida consiste na combinação de emprego de forças especiais com guerra cibernética, operações de informações e operações de dissimulação, que segundo ele, os russos usaram para conquistar a Criméia e apoiar os separatistas do leste da Ucrânia.

O conflito da Ucrânia em 2014 revelou para a OTAN que a Europa não estava preparada para uma guerra no modelo tradicional. Havia perdido essa capacidade durante o período que buscou a redução de suas forças blindadas e pesadas e seu adestramento priorizou a guerra contrainsurgência (AQUINO, 2018 *apud* KARBBER, 2015).

A Estratégia Nacional Militar norte-americana de 2015, documento que trata de

como as forças armadas norte-americanas serão empregadas na manutenção e proteção dos interesses nacionais, aborda que conflitos contra grupos extremistas são as ameaças imediatas (UNITED STATES, 2015). O documento ainda discorre que Estados com interesses diversos e atores não-estatais, podem misturar técnicas, capacidades e recursos para atingir seus objetivos. Tais conflitos são considerados como híbridos, podendo consistir em forças militares assumindo o papel de grupos rebeldes, como a Rússia fez na Criméia, ou envolver grupos extremistas usando a combinação entre o rudimentar e o avançado, como o Estado Islâmico (EI)<sup>15</sup> fez no Iraque e Síria.

A Estratégia cita, ainda, que participantes de conflitos híbridos podem ser atores estatais e não-estatais trabalhando em conjunto na busca de objetivos comuns, empregando uma grande variedade de técnicas, armamentos e tecnologias. Destacamos ainda que conflitos dessa natureza serve para aumentar a ambigüidade, dificultar a tomada de decisão e retardar a resposta. Como conflitos dessa natureza trazem grandes vantagens para quem o aplica, alguns pesquisadores acreditam que será a forma que persistirá no futuro<sup>16</sup>.

Por outro lado, existe uma série de estudiosos que argumentam que a Guerra Híbrida é uma nova abordagem de algo que já se vem praticando há muitos anos. O principal defensor dessa idéia é Thomas Huber, que em seu Livro “Guerra Composta”, o autor utiliza uma série de conflitos exemplificando que o uso de forças convencionais e forças irregular, coordenadas em um nível estratégico, é um modelo já sendo por muitos utilizados.

As forças convencional e não convencional usadas prudentemente juntas produzem uma acomodação mútua que dificilmente um adversário que empregue somente uma força convencional pode igualar (HUBER, 2004, p. 91, tradução nossa)<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Movimento organizado por grupos jihadista com o intuito de criar um Califado (governo liderado por um religioso denominado Califa), na região do Iraque e Síria. Criado em 2014, aglutinou diversos grupos radicais islâmicos e se utiliza do terror para expandir seu movimento e atingir seus objetivos políticos.

<sup>16</sup> Previsto na Estratégia Nacional Militar dos Estados Unidos da América (UNITED STATES, 2015).

<sup>17</sup> “Conventional force and unconventional force used prudently together provide a mutual accommodation that an adversary employing a conventional force alone can hardly hope to match” (HUBER, 2004).

Assim com Huber, muitos acreditam que a Guerra Híbrida não traz nada de novo, que o cerne do conceito de guerra híbrida que é a fusão de métodos e modos de guerra, são interessantes e úteis, mas a dinâmica não são historicamente novas e são única exclusivamente insurgências (FLEMING, 2011).

Assim chegamos à conclusão parcial de que o conceito de guerra híbrida está longe de ser uma unanimidade entre estudiosos, historiadores e militares. Mas dois pontos cabem destaque. O primeiro é que cada vez mais nos conflitos surge o que chamamos de zona cinzenta (ou *Grey Zone*)<sup>18</sup>, a cada novo conflito ideia simplista de dois exércitos representantes de seus Estados se enfrentando fica distante. O que podemos ver é um número cada vez maior de atores não estatais lutando por interesses difusos, usando diversas tecnologias e realizando diversos tipos de ações nos campos tangíveis e intangíveis do combate. Outro ponto é que os atores de um conflito hoje possuem um número cada vez maior de ferramentas e abordagem para de alguma forma atingir e desgastar seus oponentes, possibilitando assim atingir seus objetivos.

### **2.3 Conceito de Guerra Híbrida para a Rússia**

Fruto da forma russa de combater na Ucrânia, muitos estrategistas e militares de países pertencentes a OTAN concluíram que a Rússia estava conduzindo seus conflitos segundo a abordagem da guerra híbrida, apesar dos russos não terem adotado esse termo. Essa mudança de abordagem russa teve sua origem em conflitos recentes, em que a Rússia esteve envolvida, tais como Afeganistão e Chechênia. Mas o grande responsável por essa nova tendência do pensamento militar russo é o Chefe de Estado Maior das Forças Armadas Russas, General Valery Gerasimov (BARTLES, 2016).

---

<sup>18</sup> São situações em que não está claro se é algo legal ou ilegal, aceitável ou não aceitável, dificultando a tomada de decisão e aumentando cada vez mais o grau de incerteza.

O Chefe do Estado Maior das Forças Armadas Russas possui uma posição de destaque ante aos outros Oficiais Gerais russos, com a atribuição de planejamento de longo prazo de emprego da força, além de supervisionar o transporte estratégico, o desenvolvimento doutrinário e a aquisição de equipamentos para o Ministério de Defesa russo, contando assim com um grande prestígio perante o governo russo(BARTLES, 2016).

Em 2013 o General Valery Gerasimov escreveu um artigo intitulado “O valor da ciência está na previsão: novos desafios exigem repensar as formas e métodos de conduzir as operações de combate” no jornal *Voyenno-PromyshlennyyKurier* (VPK)<sup>19</sup>. No referido artigo Gerasimov explica sua visão sobre o novo ambiente operacional e o caráter da guerra do futuro, o grande ponto interessante em torno desse artigo é pelo fato que ele foi publicado exatamente um ano antes aos protestos de Maidan<sup>20</sup> na Ucrânia<sup>21</sup>(BARTLES, 2016).

Para os russos a Ordem Mundial sofreu uma completa alteração no Pós- Guerra Fria, quando atores externos passaram a intervir em assuntos internos e na integridade territorial de Estados soberanos, como foi o caso da Iugoslávia (1991 a 2001) em que a OTAN interviu no conflito com a justificativa de impedir um genocídio. Para a Rússia o ponto de vista é bem diferente, cabe destaque o momento que a Rússia estava passando, enfraquecida financeiramente e enfrentava uma insurgência islâmica no Cáucaso. Fato esse que levou a preocupação russa de uma intervenção similar da OTAN em seu próprio território. A desintegração da Iugoslávia é um fato ainda de ressentimento para os russos(BARTLES, 2016).

Na visão russa as operações mais óbvias de mudança de regime lançadas pelos

<sup>19</sup> *Voyenno-PromyshlennyyKurier* em português significa “Correio Militar-Industrial” é um jornal russo do segmento privado pertencente à empresa paraestatal Almaz-Antey, que se concentra em questões relativas às Forças Armadas e ao complexo industrial-militar. O VPK também é um veículo frequentemente usado pela alta liderança militar para informar a força, apregoar êxitos e propor reformas.

<sup>20</sup> As manifestações ocorridas na Ucrânia em 2013 contra o governo iniciaram em diversos pontos mais se concentraram na Praça Maidan, em Kiev, as manifestações foram tão intensas que ficaram também conhecidas como Euromaidan.

<sup>21</sup> No próximo capítulo poderemos observar que os temas abordados no artigo, tiveram grande aderência no conflito da Ucrânia

EUA e OTAN foram no Afeganistão (2001 até o presente) e no Iraque (2003 – 2011). Para os russos o *modus operandi* tem sido de encontrar um pretexto adequado, como no Iraque foram as armas de destruição em massa ou a prevenção de genocídio como foi na Iugoslávia, e finalmente, lançar uma operação militar para provocar a mudança. Entretanto, para Gerasimov e alguns outros estudiosos militares russos, a mudança tem sido que ao invés de uma invasão militar ostensiva, os primeiros ataques são realizados através de uma oposição política por meio de propaganda em canais de televisão e pela internet, usando nessa propaganda as organizações não governamentais (ONG) para atacar o país alvo (BARTLES, 2016).

Essa propaganda contra o país alvo gera movimentos separatistas, muitas vezes alimentados financeiramente pelo o Estado que promove a propaganda, no caso citado pela Rússia seria os EUA. Com o aumento das insurgências a governabilidade do país alvo passa a ser deteriorada, nesse momento forças especiais, convencionais ou contratadas, podem ser infiltradas para fortalecer esses movimentos insurgentes e prejudicar ainda mais o comando e controle do país alvo. Quando o governo legítimo perde a capacidade de controlar a situação e passa a usar métodos mais agressivos para manter a ordem, assim está criado o pretexto para intervenção, inicialmente política e econômicas e até militar. Após o país alvo entrar em colapso, forças militares são empregadas com a justificativa de operações de manutenção da paz (BARTLES, 2016).

Por mais que para os países ocidentais essa abordagem apresentada pela Rússia possa parecer estranha, para os russos essa nova forma de guerra ocidental é muito bem abordada pelo General Gerasimov em seu artigo, enfatizando que as ameaças hoje são oriundas cada vez mais de métodos assimétricos e indiretos. O general argumenta a importância de meios não militares para atingir os objetivos políticos e estratégicos, além disso, podem ser mais eficientes que o emprego de forças militares somente (BARTLES, 2016)

Gerasimov prevê o uso oculto de força em detrimento ao uso ostensivo, como insurgentes, paramilitares e civis e enfatiza o emprego de métodos indiretos e assimétricos, destaca também o uso não só da realidade física, mas o uso da guerra de informações, destaca que as ações devem ser conduzidas com ênfase nas áreas atrás das linhas inimigas de infraestruturas críticas. O General defende o uso massivo de tropas de operações especiais e armas remotamente operadas como drones, e que as forças regulares devem ser empregadas somente no final do conflito, muitas vezes sobre a justificativa de uma força de paz(RÁCZ, 2015).

Estudiosos russos como Chekinov e Bogdanov, descrevem a guerra de nova geração, abordada pelo General Gerasimov, em duas fases distintas, uma fase aberta e outra fechada. A primeira fase é realizada por um exército não-militar altamente coordenado e de extrema intensidade, com meses de duração da campanha lançada contra o país alvo, composta de medidas diplomáticas, econômicas, ideológicas, psicológicas e da informação. Nessa fase uma propaganda pesada contra a população alvo deve ser implementada com o propósito de enfraquecer o governo alvo e desmoralizar as forças armadas (RÁCZ,2015).

Após o êxito da primeira fase, com a obtenção de um pretexto, é lançado a segunda fase composta de forças militares regulares a fim de isolar e destruir os pontos remanescente de resistência. Essa segunda fase não é tão detalhada nem pelo General Gerasimov nem por Chekinov e Bogdanov. Pois em se tratando em emprego de força militar convencional, nada se diferencie dos combates antigos já conduzidos à milênios(RÁCZ, 2015).

Claramente a Rússia vem empregando essa nova abordagem contra alvos de seu interesse. O estudo da abordagem russa possibilitará o entendimento do emprego das forças russas em conflitos como Ucrânia e Síria que é o foco da análise desse trabalho. Apesar do artigo do General Gerasimov ter sido publicado quase um ano antes ao início dos movimentos contra o governo ucraniano nas ruas de Kiev, as autoridades ucranianas não conseguiram se

contrapor as ações russas.

## **2.4 Conclusões Parciais**

A combinação de métodos ortodoxos e formas alternativas de luta que é a essência da guerra híbrida, pode ser visto por muitos como algo genuinamente novo. Mas a interação entre forças regulares e irregulares já foi empregado em vários momentos da história.

A tecnologia causou um grande impacto sobre as táticas e as estratégias dos conflitos modernos, mas isso também não é algo novo, pois tirando como exemplo a Grande Guerra (1914-1918), onde houve uma transformação de armas muito grande, papel de conceitos consagrados se manteve, ou seja, as tecnologias nos campos de batalha sempre estarão em evolução e o embate entre formas de combate futuristas e conceitos doutrinários também nunca deixou de existir.

Assim, independente do nome ou do termo que se use, a essência dos conflitos permanece. As ferramentas têm se alterado e a abordagem muda a cada instante, mas os novos paradigmas não deixam de ser relacionados com o passado. A reavaliação da conduta da guerra em decorrência de novas armas ou novas tecnologias sempre haverá, afinal a sociedade moderna evolui a cada dia. Um conflito sempre será um choque de vontades, independente dos ingredientes que se use para vencer a vontade do oponente.

### **3 UCRÂNIA**

Nesta seção abordaremos o conflito ocorrido entre a Rússia e a Ucrânia, seus antecedentes e o desenrolar do conflito, com foco no ano de 2014, abordando basicamente como a Rússia conduziu suas operações no conflito e se essa forma de condução russa teve aderência com os conceitos de Guerra Híbrida apresentados na seção anterior.

Mas para entendermos o conflito entre Rússia e Ucrânia em 2014, precisaremos abordar as relações entre esses dois países e descobrir o motivo pela real obsessão russa pela Ucrânia e principalmente pela Criméia.

#### **3.1 Rússia e Ucrânia**

A Ucrânia e a Rússia possuem uma forte relação histórica, o principado de Kiev<sup>22</sup> foi o berço das atuais nações eslavas no século IX. Por volta do século XIII o principado de Kiev foi devastado pelos mongóis, obrigando aos russos se deslocarem para ao Norte em busca de mais terras e para fugir da pressão exercida pelos mongóis e tártaros. Surge então a cidade de Moscou em uma posição mais protegida e que facilitava ao comércio. Com o fim das ameaças dos tártaros e dos mongóis, o império russo volta se expandir para o sudeste e sul, reconquistando regiões que eram suas no passado, ganhando assim a extensão próxima do que é hoje (KAPLAN, 2013).

Do século XV até o XVIII a Criméia e parte da Ucrânia pertenceram ao Império Otomano, basicamente pelo fato da Criméia ser estrategicamente posicionada no Mar Negro, servindo aos otomanos como base para batalhas contra poloneses, russos e austríacos. Em 1783 a Criméia foi incorporada a Rússia, permitindo assim o acesso russo aos Mares Negro e

---

<sup>22</sup> Principado de Kiev foi de 882 até 1240.



Mármora e aos estreitos de Bósforo e Dardanelos. Em 1953 o então presidente da URSS devolveu a Criméia à Ucrânia em comemoração aos 300 anos do Tratado de Pereyaslav<sup>23</sup>. Mas apesar da Criméia ter passado para as mãos ucranianas, a Rússia manteve a sua base militar na região onde fica, até hoje, sediada sua frota do Mar Negro.

Para entendermos a política externa atual da Rússia e a sua forma de lidar com seus países vizinhos, principalmente aqueles que fizeram parte da URSS, precisamos voltar a pelo menos ao ano de 1991. Com a dissolução da URSS, todas as demais repúblicas soviéticas se espalharam em Estados soberanos, entre elas a Ucrânia. A entrada russa no novo modelo econômico foi marcado por crises, sendo a pior a econômica em 1998, que levou o então presidente Boris Yeltsin a renunciar em 1999. Com a saída de Yeltsin, assume o seu vice-presidente, Vladimir Putin, um ex-agente da KGB, se tornando um líder hegemônico dentro da Rússia atualmente.

Nos primeiros anos de seu mandato, houve melhorias importantes na expectativa e na qualidade de vida, atingindo índices melhores que na época da URSS. Em paralelo com os avanços sociais, o presidente russo acumulou poder e aliados na Duma e no congresso, que são os dois órgãos do legislativo russo. Putin também fez uso em larga escala da polícia e da inteligência para reprimir opositores. A coesão interna possibilitou a impulsão russa no campo externo, reavivando antigas pretensões onde incluímos a Ucrânia e a Criméia. Apesar de todos os protestos das potências mundiais e dos órgãos internacionais, a Rússia anexou a Criméia em 2014.

Sendo a mais proeminente potência terrestre do mundo, sua principal saída para o mar se encontra ao Norte, bloqueada maior parte do ano pelo gelo do Ártico, sem o mar e fronteiras naturais para se proteger, o expansionismo russo é a forma encontrada para se opor a uma invasão, tema central abordado por Mackinder (KAPLAN, 2013).

A política russa no seu entorno estratégico é contrária o que a maioria dos

---

<sup>23</sup> Esse tratado assinado entre esses dois países, previa a proteção da Ucrânia pela Rússia contra a Polônia.

estudiosos avaliam como sendo o melhor, ao invés de estender seu poder brando sobre toda a ex-URSS e o Rimland<sup>24</sup> eurasiático adjacente, Putin optou por um expansionismo neoczarista, não abdicou da dimensão européia russa, sua fixação na Ucrânia, como parte de um projeto de exercer influência nos vizinhos mais próximos e ancorar de vez a Rússia na Europa. A Ucrânia seria o pivô responsável de mudar a Rússia, além da sua geografia com o Mar Negro ao sul e os antigos países satélites ao leste e os países europeus a oeste, a Ucrânia independente mantém a Rússia fora da Europa. Nas próprias palavras de Zbigniew Brzezinski<sup>25</sup>, sem a Ucrânia a Rússia continua a ser um império, mas puramente asiático. (KAPLAN, 2013).

A crise na Ucrânia, ocorrido em 2014 e envolvendo a Criméia, foi cenário das maiores tensões entre Leste e Oeste após a queda da URSS. De um lado a OTAN e os países Ocidentais e de outro a Rússia, que apesar de toda condenação da comunidade internacional, anexou a Criméia e realizou uma série de operações no leste da Ucrânia, tendo seus reflexos até hoje sentido pelo povo ucraniano. Analisaremos a seguir o conflito a luz dos conceitos da Guerra Híbrida.

### **3.2 A Guerra de Informações Russas**

Em 2013 a Ucrânia passava por uma grave crise financeira, o então presidente Vítor Yanukovich, possuía uma forte ligação com as oligarquias do leste bastante vinculadas a Rússia. Além da crise financeira o governo enfrentava várias acusações de corrupção e incapacidade administrativa. O grande catalisador do descontentamento popular ocorreu quando o governo de Yanukovich recusou-se em assinar um acordo econômico com a União

<sup>24</sup> É uma teoria geopolítica que se contrapõe a teoria do Heartland de Mackinder, essa teoria foi à base da política de contenção dos EUA após a II GM, onde o foco era controle dos países no entorno da Rússia, considerada como o Heartland por Mackinder. Segundo seu idealizador, Nicholas J. Spykman, o país que controlasse os países do Rimland controlaria o Heartland.

<sup>25</sup> Cientista político, geopolítico e estadista norte americano, foi conselheiro de segurança nacional dos EUA nos anos de 1977 a 1981.

Européia em um primeiro momento e de ingressar na OTAN em um segundo momento. Ao contrário de aceitar a proposta do Leste, o presidente Vítor Yanukovich, aceitou a proposta russa de fazer parte da união aduaneira entre Rússia, Casaquistão e Bielorrússia.

Após a não assinatura do acordo com o leste e a aceitação do acordo russo, as manifestações explodiram pelo país, a mais conhecida delas foi à manifestação da Praça Maiden, onde ocorreu uma série de confrontos violentos com a polícia. O presidente Vítor Yanukovich foi deposto sendo instaurado um governo pró-União Européia. A Rússia não reconheceu o governo provisório ucraniano e passou a realizar diversas ações, tanto no campo das de informações, como apoio a grupo separatistas pró-Rússia.

Uma das áreas de atuação da Guerra Híbrida que promove grande vantagem ao seu usuário é no campo da informação. Atualmente é um dos métodos mais modernos de guerra e extremamente barato e simples, podendo alcançar os níveis mais altos das decisões. Isso tem direta relação com a disponibilidade de modernas tecnologias e o alcance cada vez maior da internet. Controlar e afetar intencionalmente o tipo de informação que seu público alvo recebe, pode eventualmente fazer a diferença entre ganhar e perder um conflito (NURK, 2016).

Na era da informação o emprego de uma multiplicidade de meios, militares e não militares tem sido empregados nas conduções dos conflitos e a ênfase tem sido nos campos políticos, econômicos e psicossocial, e nesse campo a Rússia é profunda conhecedora dos países que pertenceram a então URSS.

Na Era da Informação, a guerra tem sido travada por meio de ações simultâneas de natureza distintas – não necessariamente militares. Tem-se uma significativa variação do nível de intensidade do uso da Força, alternando campanhas de grande envergadura e o uso massivo do poderio bélico até o emprego das Forças Armadas em ações subsidiárias de apoio a agências civis, ciberataques e guerra psicológica.(VISACRO, 2018, p. 157).

O uso da guerra da informação pela Rússia surgiu principalmente da sua fraqueza

militar, e o seu uso promove grande flexibilidade e não produz a repercussão negativa que o uso da guerra convencional, além disso, o seu uso tem origem na necessidade soviética de controlar os países a sua volta. O rígido controle dos meios de comunicações pela URSS, o uso das informações para manipulação das pessoas já era uma prática usual no modelo socialista soviético (NURK, 2016).

A guerra de informação e a campanha de mídias de Moscou sobre a guerra da Ucrânia foi surpreendentemente eficaz, não só para a própria Rússia mais também para os países Ocidentais e para a própria Ucrânia. Esse sucesso de propaganda é o resultado de um esforço de longo prazo que inclui investimentos significativos e uso hábil de canais de televisão e mídias sociais. Dessa forma a Rússia possuía um grande arsenal na guerra de informação, em que a OTAN nem os países da União Européia conseguiam competir (GILES, 2016).

As organizações de mídias Ocidentais estavam totalmente despreparadas para obter informações hostis e consistentes dentro de uma campanha organizada e subsidiada por um agente estatal. O resultado foi o sucesso da campanha russa, observado claramente na Criméia, onde jornalistas no terreno transmitiam informações que não atingiam o público alvo porque seus editores estavam totalmente confusos com as inexplicáveis negações russas. Meses depois os meios de comunicações ocidentais ainda relatavam fielmente as informações falsas disseminadas pela Rússia como fato (GILES, 2016).

A campanha de informações russa atuou em duas principais áreas, internamente e externamente. No campo interno, não havia obstáculo para a narrativa do Kremlin, pois praticamente não havia mídia independente atuando internamente na Rússia. No exterior, a Rússia criou uma realidade alternativa, compostas de informações falsas ou manipuladas, não precisando ser plausíveis para fornecer alternativas à verdade, uma vez que a cobertura por saturação da mídia externa russa e o exército de operadores de redes sociais a serviço do

Kremelin, garantiram a penetração necessária no público-alvo independentemente da credibilidade. Com a finalidade de causar confusão e dúvida, servindo como propósito de minar a confiança nas instituições e nas declarações oficiais dos adversários e vítimas da Rússia. Assim a desinformação russa atingiu seus objetivos, semeando a confusão e dúvida no exterior e obscurecendo a verdade internamente (GILES 2015).

A guerra de informação russa esteve presente em todas as fases do conflito, usada nos momentos iniciais juntamente com outras ferramentas de uso exclusivo dos Estados, como ações no campo econômico e diplomático. Utilizada como a principal ferramenta de dissimulação, sendo extremamente eficaz e bem coordenada. Moscou construiu ações de informações inteligentes o suficiente para não denunciar todo seu potencial antes dos momentos decisivos, sendo usada como elemento surpresa.

A Ucrânia possuía alguns pré-requisitos importantes que potencializaram o emprego da Guerra de Informação pelos russos, muitas empresas de mídias russas e muitos cidadãos ucranianos falavam russo, facilitando a fluidez das informações. Assim podemos dizer que a campanha russa no campo das informações, atingiu seu propósito, pois ao causar a confusão e obscurecer a percepção, dificultou a tomada de decisão pelo oponente. Veremos a seguir que as operações de informações russas apoiaram o próximo passo da campanha, demonstrando a coordenação das ferramentas da Guerra Híbrida.

### **3.3 Guerra irregular como preparação para a guerra convencional**

A fase de preparação, que antecedeu a ofensiva armada, tinha como objetivos criar as condições ideais para o lançamento dos ataques. Explorando pontos de vulnerabilidade da administração estatal, na economia e nas forças armadas do alvo, estabelecer ligação com Organizações Não Governamentais (ONG) favoráveis a causa russa, estabelecer redes de mídias para influenciar o país destino e os outros atores externos. O fortalecimento de

movimentos separatista locais e o uso ativo de guerra de informações para o enfraquecimento das instituições da Ucrânia, também foram algumas ações que fizeram parte da preparação russa.

Atingido os objetivos da fase anterior, a Rússia inicia o ataque propriamente dito, utilizando ações de Guerra Irregular. Em fevereiro de 2014, a Rússia conduziu exercícios com suas forças convencionais, na fronteira ocidental com o propósito de desviar a atenção para o que estava acontecendo na Criméia, aproveitando-se dessa diversão causada pelo exercício na fronteira, a Rússia infiltrou elementos de forças especiais uniformizados, mas sem insígnias e identificação, transportavam modernos equipamentos militares, foram denominados de “*littlegreenmen*”<sup>26</sup>, atuaram como forças de segurança local, para conquistar e controlar instituições com funções chaves e assegurar a região da Criméia (FERNANDES, 2016).

A Rússia usou também outra unidade especial denominadas *Spetsnaz*<sup>27</sup>, com a tarefa de realizar operações especiais, sabotagens e controlar grupos insurgentes favoráveis a causa russa. As ações na Criméia e região foram focadas nas ações de insurgência e contra insurgência, buscando o controle da região e a legitimidade perante a população local. Foram combates conduzidos no seio da população, conduzindo abordagens indiretas com o propósito de desgastar o adversário, causando o caos e tirando vantagem do clima de insegurança instaurado (FERNANDES, 2016).

Ao iniciar a fase dos ataques, os alvos políticos eram os objetivos principais, as forças especiais russas, não identificadas, e os insurgentes pró Rússia, montaram barricadas e postos de controles, bloqueando os portões dos quartéis das forças armadas e policias ucranianas, ficou claro que as unidades ucranianas não poderiam deixar suas bases sem um enfrentamento. Essas ações quebraram a cadeia de comando e controle das forças ucranianas, como resultado das intensas e múltiplas pressões, quase todos do exército, a polícia e as

<sup>26</sup> Pequenos homens verdes (tradução nossa).

<sup>27</sup> Termo russo que significa Forças Especiais voltadas para combate ao terrorismos e a movimentos insurgentes, engloba um total de dezesseis unidades.

unidades da Marinha acabaram se rendendo na Criméia e toda resistência ucraniana foi rompida (FERNANDES, 2016).

Assim podemos perceber que a Rússia realizou uma mistura de métodos e meios, com objetivos estratégicos e operacionais bem definidos. As ações de guerra irregular, juntamente com a guerra de informações foram habilmente utilizadas com o propósito de colapsar a capacidade de comando e controle das forças ucranianas e sua capacidade de reação. Fica claro que as ações russas seguiram o pensamento do general Garisimov, já abordado anteriormente, onde descreve que as regras da guerra mudaram, e que os métodos do conflito empregam em grande escala todos os instrumentos disponíveis, militares e não militares, de um Estado, para atingir seus objetivos.

### **3.4 A Guerra Convencional**

Embora a maioria das ações, na fase do ataque, foram conduzidas por forças irregulares, é importante reconhecer que as forças convencionais realizaram um papel fundamental. No caso da Criméia e no leste da Ucrânia, um grande efetivo de forças regulares russas foram posicionadas na fronteira, representando uma ameaça iminente de um ataque convencional avassalador. Assim, conseguiram desviar a atenção de Kiev, confundindo as ações das forças de reação ucraniana (RÁCZ, 2015).

Aproveitando-se da sua dimensão étnica e a presença da etnia russa nos Estados vizinhos, a Rússia utilizou a guerra de informação para criar um pretexto da necessidade de proteção desta minoria, legitimando assim a intervenção em outro Estado soberano. Uma ofensiva militar foi lançada na Criméia, com um intenso movimento de tropa, a Rússia realizou o maior deslocamento de tropa por via férrea desde a Segunda Guerra Mundial. Enviando em Agosto de 2014 um suposto comboio humanitário, sem o consentimento da Ucrânia. Pressionado por vários lados, o governo ucraniano assinou em Setembro de 2014 um

acordo de cessar fogo com o governo russo (FERNANDES, 2016).

Dentro da estratégia russa empregada na Ucrânia, o uso das forças convencionais teve um papel importante, juntamente com as ações irregulares e de informações. Com o receio de uma reação internacional, a opção de emprego das forças convencionais, no primeiro momento, não foi cogitada pelos russos. Tratou-se de criar às condições favoráveis para seu emprego, utilizando-se da justificativa de proteção da população russa que habitava região.

### **3.5 Conclusões Parciais**

Ao analisarmos o conflito na Ucrânia, podemos depreender que a Rússia possuía as condições de conduzir uma guerra utilizando vários meios e métodos. Lançando mão de ações em diversos níveis, com ações no campo político, econômico, propaganda e desinformação, ciberataques e emprego de ações militares irregulares e regulares. As ações russas demonstraram a sua capacidade de empregar e coordenar, nos vários níveis, os instrumentos de poder nacional, para atingir seus objetivos.

Assim podemos afirmar que as ações russas na Ucrânia, foram realizadas de acordo com o conceito de guerra híbrida, apresentado por Hoffman e abordado no capítulo anterior. No nível tático a Rússia empregou forças regulares e irregulares, para apoiar ações insurgentes pró-russas, sabotagens em estruturas importantes ucranianas e apoiando operações de guerrilha em uma campanha não convencional. No nível operacional conduziu as ações da campanha não convencional com uma campanha de informação e operações psicológicas, juntamente com a movimentação de forças regulares nas fronteiras, influenciando as decisões dos ucranianos. No nível estratégico, a Rússia utilizou outras áreas do seu poder nacional, como o político e econômico para atingir seus objetivos.



## **4 SÍRIA**

No presente capítulo abordaremos a guerra na Síria, com o foco na campanha russa, nos detendo no ano de 2015, quando oficialmente a Rússia passou a intervir no conflito. O foco desse capítulo é analisar a forma de condução da campanha russa, sob a ótica do conceito de guerra híbrida abordado no capítulo 2 do referido trabalho. Para isso, iremos analisar os fatos que motivaram o início do conflito, as relações históricas entre Rússia e Síria, a campanha Rússia conduzida principalmente em 2015 e se sua forma de condução tem concordância com os conceitos de guerra híbrida.

Para entendermos melhor o conflito, faremos a seguir uma contextualização histórica das suas causas e como o governo sírio tem enfrentado esse problema.

### **4.1 Prenúncios de uma guerra**

Localizada no Oriente Médio, sendo banhada pelo mar Mediterrâneo a leste, possui a maioria da sua população localizada nas cidades mais próximas ao mar, e a oeste possui uma vasta área de desertos, possuindo ricas jazidas de Petróleo e gás natural. Fruto da sua posição geopolítica, a Síria sofreu constantemente a influência de atores externos desde sua independência após a Segunda Guerra Mundial.

O conflito na Síria é tão complexo e abrangente que a determinação de suas causas não são fáceis de serem identificadas. Mas para entendê-lo melhor, faremos uma abordagem histórica de suas principais causas. O período que se seguiu após a conquista da sua independência da França em 1945, foi muito confuso, com vários golpes e tentativas de golpes, muitas vezes reprimidos com muita violência. Em 1963 chega ao poder o partido

Bath<sup>28</sup>, que possuía como principal corrente uma forte ideologia nacionalista árabe, grande oposição ao Ocidente e uma defesa consistente ao socialismo. Sobre a proteção do partido Bath chega ao poder em 1971, Hafez AL-Assad, que governou a Síria com mão de ferro até a sua morte em 2000 (LUCENA, 2017)

Após o falecimento de seu pai, Hafez Al-Assad, assume seu filho, Bashar Al-Assad, assim perpetuando o domínio da família Assad até os dias de hoje. A princípio Bashar chegou com uma esperança de algo novo para o povo sírio, mas com o passar dos anos, o número de opositores aumentaram, dentro e fora do seu governo.

No ano de 2011, uma série de manifestações explodiu em grande parte dos países árabes, essa onda de protestos ficou conhecida como a Primavera Árabe<sup>29</sup>. As principais reivindicações eram por mudanças nos regimes, mais direitos políticos e por regimes mais democráticos. Os levantes da Primavera Árabe conseguiram derrubar o governo de países como Egito, Tunísia, Barein e Iêmen. Quando essas ondas de protestos chegaram na Síria, o governo de Assad não estava disposto a ter o mesmo destino que seus vizinhos, acarretando assim em uma grande e violenta repressão as manifestações (LUCENA, 2017)

Com uma repressão, por parte do governo, cada vez mais violenta, os manifestantes começaram também a pegar em armas e antes o que eram protestos pacíficos passou a tomar forma de uma guerra civil. Com a escalada da crise e como uma forma de obter o apoio político internacional, Assad lança uma estratégia que nada mais foi que rotular todos os seus opositores como movimentos fundamentalista islâmicos, sua intenção era colocar seus opositores como extremistas e a manutenção do seu governo como uma saída plausível para combater os fundamentalistas (LUCENA, 2017)

Em meados de 2012 os conflitos chegam a Aleppo, a maior cidade do país, e o

<sup>28</sup>Partido político que teve grande influência em alguns países árabes na segunda metade do século XX, como principal corrente ideológica pregava o nacionalismo árabe, anti-imperialismo e o socialismo árabe, além disso, pedia a unificação do mundo árabe em um único Estado (LUCENA, 2017)

<sup>29</sup>A origem do nome está relacionada a três outros movimentos revolucionários que ocorreram na Europa. São elas: Primavera dos Povos (1848), Primavera de Praga (1968) e Revolução de Veludo (1989).

governo sírio é acusado de lançar ataque de armas químicas contra os rebeldes. Neste mesmo ano cresce na região o movimento do grupo Jihadista<sup>30</sup>, Estado Islâmico (EI), percebendo que Governo sírio perdeu o controle de várias cidades ao Norte, o Estado Islâmico se expande para essa região, controlando assim, uma grande área no Iraque e no Norte da Síria.

#### 4.2 Relações entre Rússia e Síria

As relações entre esses dois países iniciaram logo após a independência síria, em 1946 a então URSS assinou um tratado secreto com a recém independente Síria. Em 1950 esse tratado se expande para um acordo de não agressão e de assistência econômico-militar dos soviéticos para o governo sírio, assim a Síria entra no contexto da Guerra Fria, se transformando em país satélite da URSS no Oriente Médio (PICCOLLI et al., 2016).

Com a chegada ao poder da família Al-Assad, as relações entre os dois países se tornam ainda mais intensas. Em 1971, a URSS estabelece uma base naval em Tartus, com o propósito de garantir suas linhas de comunicações marítimas e mais uma base situada no Mediterrâneo, tendo assim acesso as águas quentes (PICCOLLI et al., 2016).

Em 1980 é concluído um novo tratado de cooperação militar sírio-soviético, tamanha importância dada a essa área pelos dois países. Já durante a escalada da guerra civil na Síria, a ONU, por meio do seu Conselho de Segurança (CSNU), tenta intervir na Síria, mas é vetada pela Rússia (UN, 2014). Mas tarde com o uso de armas químicas pelo governo sírio contra a sua população, os EUA ameaçou em realizar uma ação unilateral contra as forças de Assad, Moscou prontamente agiu diplomaticamente para impedir as ações de Washington, em paralelo negociou com o governo de Bashar Al-Assad que fosse entregue seu arsenal de armas químicas a ONU e movimentou navios para o Mediterrâneo, demonstrando claramente que

---

<sup>30</sup> Grupo ou movimento que usa a “jihad” (*guerra santa*) para atingir seus objetivos. Seguem que a luta violenta é a forma de defender o Islã.

não iria permitir um ataque a Damasco (PICCOLLI et al., 2016).

Em 2015 a Rússia inicia os bombardeios na Síria, um ano após uma coalizão liderada pelos EUA iniciar ataques aéreos em cidades sírias e iraquianas. Foi realizada uma ofensiva conjunta entre forças de Assad, do Irã e do Hezbollah, com cobertura aérea russa, para a tomada da cidade de Aleppo. Fica claro que a intenção russa é o apoio ao governo de Bashar Al-Assad, se opondo a uma troca de governo forçada. As ações russas tem se concentrado em cidades que são alvos de disputas entre o governo de Assad e forças rebeldes. Por meio destas ações o governo de Putin tem deixado claro que suas intenções são na estabilização do governo de Bashar Al-Assad na Síria e o estabelecimento de condições para negociações (PICCOLLI et al., 2016).

### **4.3 A campanha russa**

A campanha russa na Síria é a maior expedição militar, fora do seu entorno estratégico, desde a Guerra Fria, e esse conflito tem sido usado pelos russos como forma de reviver suas ambições estratégicas de poder no Oriente Médio. Após um período de reformas e grandes modernizações, de 2008 a 2012, as forças militares russas estão sendo testadas em combate, em conflitos como Ucrânia e Síria. A experiência russa na Síria provavelmente mudará o pensamento militar russo, guiando suas decisões e sua forma de atuação para as próximas décadas (JONES, 2020).

A Rússia estabeleceu dois principais objetivos estratégicos na Síria e estruturou sua campanha na busca desses objetivos. O primeiro objetivo era estabilização do governo sírio, importante aliado russo no Oriente Médio e o segundo objetivo visava impedir a derrubada do governo de Bashar Al-Assad pelos países ocidentais, liderados pelos EUA, que pretendiam substituir o atual regime sírio por um governo mais orientado ao ocidente. Apesar dos dois objetivos acima citados, a Rússia noticiou nas mídias mundiais que a sua entrada no

conflito era para combater grupos terroristas na Síria, principalmente o Estado Islâmico, buscando uma legitimidade de suas ações e angariar o apoio internacional, assim velando o seus reais objetivos estratégicos (JONES, 2020).

Mas esses dois principais objetivos, segundo estudiosos, não eram suficientes para a intervenção russa, além das acima citadas, a decisão de Moscou também aconteceu pois foi identificado a possibilidade de estabelecer uma estratégia militar viável a um custo aceitável. A Rússia adotou como estratégia que combinava a poder aéreo com operações terrestres. Atuando de forma diferente que na intervenção soviética no Afeganistão (1979-1989), a Rússia não empregou grandes efetivos de forças terrestre em solo sírio, mas se aproveitou de forças do exército sírio, tropas do Irã, forças do Hezbollah além de outras milícias que apoiavam o governo sírio e de mercenários (JONES, 2020).

#### **4.3.1 Emprego de Forças convencionais russas**

Após a decisão de intervenção, a Rússia partiu diretamente para ações de forças convencionais, centradas no poder aéreo atuando conjuntamente com forças terrestre pró-Síria, buscando dividir os rebeldes e assim ir atacando as forças rebeldes por partes. Como preparação para iniciar as ações, Rússia e Síria assinaram um acordo no verão de 2015, onde ficou acordado o uso da base aérea de Hmeimim<sup>31</sup>, a sudeste da cidade de Latakia, a da base naval de Tartus<sup>32</sup>. A Rússia realizou uma grande concentração de equipamentos e realizou várias melhorias nas bases a ela cedidas, como dragagens nos canais de aproximação da base de Tartus, permitindo o emprego de navios fragatas da classe Krivak e classe Moma(JONES, 2020).

<sup>31</sup> Em 2015 a Rússia assinou um acordo com a Síria para utilização da base aérea síria de Hmeimim pelos russos. Localizada a sudeste da cidade de Latakia, em 2017 a Rússia renovou o acordo de uso da base aérea por 49 anos. (JONES, 2020)

<sup>32</sup> Em 1971 a Rússia assinou um acordo de uso da base de Tartus pela força naval russa, essa base permitiu a marinha russa projetar poder sobre o mediterrâneo e não perder influência na região mesmo depois de ter pedido a base do Egito após ruptura com o governo de Anwar el-Sadat em 1970 (JONES, 2020).

A Rússia empregou seu poder aéreo direcionado para auxiliar as forças terrestres em solo, se aproveitando da fraqueza de defesa aérea que os rebeldes possuíam. Os navios russos também realizaram apoio de fogo, valendo-se dos seus mísseis balísticos, nas cidades próximas ao Mediterrâneo. Para eficácia do apoio aéreo aproximado foram utilizados pequenos efetivos russos de militares de forças especiais e guias aéreos aproximados. A coordenação eficiente entre forças terrestres e os meios de apoio de fogo era a chave para emplacar e estratégia russa na Síria (JONES, 2020).

Dentro da estratégia russa de emprego de suas forças no conflito sírio, decidiu-se pelo emprego de forças terrestres aliadas russas para realizarem o papel de combate terrestre contra os rebeldes. Desde o início ficou claro por parte do poder político russo que não se estava disposto pagar o mesmo preço pago no Afeganistão na década de 1980. Para isso as forças do exército sírio foram selecionadas como elemento de manobra principal, apoiadas por milícias pró-governo, pelo Hezbollah e por forças mercenárias (JONES, 2020).

Com a intenção de não repetir falhas realizadas anteriormente e não dispostas a pagar o preço do passado, a Rússia partiu para uma abordagem diferente como no conflito do Afeganistão (1979-1989), onde foram empregados relevantes efetivos de tropas terrestres russas. Na Síria a abordagem foi diferente, usando o apoio aéreo juntamente com tropas terrestre de aliados. Assim as perdas se tornariam menos pesadas e mais fáceis de serem administradas.

#### **4.3.2 Apoio as Forças Irregulares**

Com o propósito de auxiliar as forças terrestres dos aliados a Rússia utilizou de unidades de Operações Especiais. Assim como vimos no capítulo 2 e de acordo com a definição de Friedrich August von der Heydte, podemos caracterizar que o conflito sírio é uma guerra irregular em sua essência. Os opositores do governo sírio, classificados como

rebeldes por Bashar Al-Assad, na sua grande maioria não apresentam uma constituição formal e muito menos uma legitimidade jurídica institucional.

Pequenos efetivos de forças especiais russas foram empregadas, inicialmente para o reconhecimento terrestre e mais tarde empregadas como elo de ligação entre as forças terrestres aliadas e os meios de apoio de fogo. Para a conquista de cidades importantes, como Aleppo, essas forças atuaram no reconhecimento aproximado e em ações de destruição e sabotagem de pontos importantes. O emprego dessas forças de operações especiais aumentava em muito a letalidade dos ataques dando ainda mais eficácia às ações russas e de seus aliados (JONES, 2020).

Outra tarefa realizada pelas forças de operações especiais russas que contribuiu para a campanha terrestre e para as características da guerra irregular na síria, foi o treinamento de forças de mercenários que foram empregados em vários momentos de campanha terrestre. Largamente utilizadas as Companhias Militarizadas Particulares (PMC-*Private Military Company*), liberavam os efetivos russos para outras áreas de interesses e limitava as baixas de soldados russos (JONES, 2020).

#### **4.3.3 Uso da Informação como Arma**

A aplicação correta de uma campanha de informações e uma campanha convencional, possibilitou a Rússia tirar vantagens do conflito sírio e atingir seus objetivos estratégicos. Apesar das mídias internacionais noticiarem que o engajamento russo seria um misto de ações bem sucedidas e falhas, o que pôde ser verificado foi um grande sucesso estratégico (VOLKENBURG, 2018).

O governo russo associou os ativos aéreos, que eram empregados de forma convencional, com uma campanha de informações bem abrangente. Por ocasião da entrada da Rússia no conflito, o governo de Assad enfrentava um misto de grupos rebeldes, desde grupos

extremistas como o Estado Islâmico até grupos moderados, alguns dos quais apoiados pelas potências ocidentais. Dado esse cenário, a campanha aérea russa atacou os grupos rebeldes moderados e o civis que faziam parte da sua rede sustentação, pelo fato de que segundo os planejadores russos esses grupos seriam as verdadeiras ameaças ao governo de Assad, deixando o combate ao Estado Islâmico e de outros grupos extremista, para os EUA e seus aliados. A Rússia concentrou seus esforços na destruição de grupos moderados, apesar de noticiar nas mídias internacionais estar atacando o Estado Islâmico (VOLKENBURG, 2018).

A guerra aérea convencional contra grupos rebeldes moderados, acoplados com uma campanha de divulgação voltada para o sucesso contra o Estado Islâmico e grupos radicais, possibilitou o governo russo moldar e influenciar a opinião internacional. Essa influência positiva causada pela propaganda russa permitiu ao presidente Vladimir Putin interagir com potências regionais locais como Irã, Arábia Saudita e Turquia. Além disso, permitiu a Rússia demonstrar ser ainda um ator externo influente no mundo (VOLKENBURG, 2018).

A campanha russa utilizou de forma correta e apropriada a campanha convencional de apoio aéreo e a campanha de informações, o uso integrado de ações cinéticas e informacional com ações diplomáticas potencializou suas ações e permitiu atingir outros objetivos além dos estabelecidos.

#### **4.4 Conclusões parciais**

Analisando o conflito sírio, principalmente no ano de 2015 por ocasião da entrada oficial russa, podemos destacar que Bashar Al-Assad sofria uma derrota e provavelmente não se sustentaria por muito tempo no governo, pois vinha perdendo o controle das principais cidades do país. Com a entrada russa no conflito, esse cenário foi sendo alterado e pouco a pouco foi se reconquistando o controle de diversas cidades.



Após os russos traçarem seus dois objetivos estratégicos principais que eram a permanência de Assad no governo sírio e impedir a troca de regime por um regime pró-ocidente, os planejadores russos articularam suas ações de forma a atingirem esses objetivos, focando em uma campanha convencional de emprego do poder aéreo, associado a uma campanha de informações que visavam legitimar as ações russas de combate a grupos extremistas tão temidos pelo ocidente. Mas para a conquista da vitória era necessário o componente terrestre, optou-se então pelo emprego de forças terrestre não-russas, apoiadas por um efetivo mínimo de forças especiais e também por grupos mercenários, também conhecidos como PMC (*Private Military Companies*). Com essa estratégia e com o emprego coordenado de suas capacidades e métodos a Rússia tem alcançado seus objetivos, apesar do desenrolar do conflito ainda ser incerto.

## **5 SEMELHANÇAS EDIFERENÇAS**

Nos capítulos anteriores foram apresentados os conflitos da Ucrânia e da Síria, respectivamente, que tiveram como protagonistas além desses países a Rússia. Neste capítulo buscaremos destacar as similaridades e as singularidades entre as ações russas sobre a ótica da guerra híbrida. Após o conflito na Ucrânia e anexação da Criméia em 2014, a Rússia foi acusada por organismos internacionais de ter se valido de uma série de métodos de guerra e não guerra, que antes eram empregados separadamente, mas foram utilizados de forma coordenada pelos russos, acarretando uma vitória sobre a Ucrânia e a anexação de parte do território ucraniano.

No ano seguinte, em 2015, a Rússia anunciava ao mundo que estaria intervindo oficialmente na Síria, em apoio ao governo de Bashar Al-Assad e contra grupos radicais islâmicos. Valendo-se de uma estratégia que atuou em diversos campos como político, informacional, militar e diplomático, tentou diminuir o isolamento que lhe foi imposto desde a anexação da Criméia e viu no caso sírio uma possibilidade de se reafirmar como um importante ator global, recuperando a influência perdida com a queda da ex-URSS.

### **5.1 As Similaridades**

Os dois conflitos possuem vários pontos em comum, principalmente devido ao envolvimento da Rússia e também pelo espaço de tempo relativamente curto entre as duas contendidas. Após as ações russas na Ucrânia, a OTAN passou a estudar a forma de condução do conflito pela Rússia e como a Organização e a Ucrânia não estavam preparadas para esse enfrentamento. Analistas da OTAN avaliaram que a Rússia utilizou métodos de uma guerra híbrida, conjugando ações não convencionais e convencionais, ações militares e não militares, ações econômicas e políticas todas conjugadas dentro de uma campanha para atingir assim

estado final desejado que foi a anexação da Criméia. Fruto de suas ações assertivas na Ucrânia a Rússia realizou a mesma conduta na Síria no ano seguinte com algumas modificações.

Um ponto importante comum nas ações no leste europeu e no Oriente Médio foi o emprego correto da política e economia. Utilizados de forma a pressionar a Ucrânia a não aceitar o acordo da União Européia e em contra partida a aceitar o acordo econômico russo. No Oriente Médio além do apoio financeiro ao governo de Bashar Al-Assad, a Rússia atuou fortemente junto ao Conselho de Segurança da ONU impedindo medidas contra o governo sírio. No campo diplomático durante os dois conflitos a Rússia atuou bastante, sendo na busca de acordos com outros atores influentes locais para o caso sírio ou na tentativa de anular o governo pró-europeu e assumiu a Ucrânia após a deposição de Vítor Yanukovich.

Destacamos além dos campos político e econômico o campo diplomático foi utilizado pela Rússia para criar uma justificativa de intervenção e conseguir legitimar suas ações nos dois casos. Na Síria o combate ao terrorismo foi à forma encontrada para legalização de suas ações e angariar apoios externos. Na Criméia a proteção a população russa que habitavam na região foi à justificativa encontrada e divulgada para fundamentar suas ações.

Outra ferramenta bem explorada pela Rússia nas duas ocasiões, foi o uso das informações e das desinformações de acordo com seus objetivos. A campanha nas mídias internacional e dentro dos países alvos possibilitou os russos a potencializar os efeitos da campanha terrestre e dificultou ainda mais a tomada de decisão por partes das forças oponentes. Na Ucrânia a Rússia se valeu da grande quantidade de pessoas que usavam a língua russa e a permeabilidade que os canais de comunicação russos possuíam na região, permitindo assim a transmissão de informações favoráveis as suas ações. No caso sírio a Rússia constantemente divulgava suas ações bem sucedidas contra grupos rebeldes,

encobrendo sua real intenção de combater os opositores de Al-Assad. Fruto de sua campanha midiática contra o Estado Islâmico, os russos conseguiram reverter parte do isolacionismo imposto pela União Européia após os eventos da Ucrânia, além disso, a Rússia tem se apresentado como a única capaz de reverter à situação na Síria e acabar com a crise dos refugiados na Europa.

Outro fator de destaque em comum que cabe destaque é o emprego da guerra irregular, no leste europeu a Rússia utilizou tropas de Operações Especiais nos momentos iniciais da campanha, infiltrando esses elementos após atrair a atenção ucraniana para fronteira através de uma movimentação de tropa. Com a tarefa de tomar posições chaves de infraestrutura local, atuar como segurança local, apoiar a insurgência pró-russa e realizar sabotagem em pontos importantes para as tropas ucranianas, contribuindo assim para objetivo russo de conquista da Criméia.

No caso sírio o uso de tropas de operações especiais já tiveram um emprego um pouco mais restritos, com a tarefa de serem o elo de ligação entre as tropas terrestres não russas e os meios aéreos russos, essas tropas de operações especiais tiveram importante papel no auxílio as forças terrestre nas conquistas de cidades importantes, realizando reconhecimentos e nas identificação e seleção de alvos para as aeronaves. Além disso, atuaram no treinamento das PMC (Companhias militares particulares, em inglês Private Military Company), largamente utilizados na Síria.

O último ponto de similaridade que gostaríamos de destacar é o emprego de forças convencionais nos dois conflitos. Apesar das particularidades entre as duas forças russas, os planejadores russos não abriram mão de empregar suas forças convencionais e associá-las com outros métodos de guerra e assim potencializar seus efeitos e suas capacidades. Nas duas situações a campanha de informações objetivou criar as condições para o emprego das forças convencionais russas. Na Ucrânia o pretexto de proteção do povo russo

e na Síria de combater aos grupos radicais islâmicos permitiram que as forças convencionais russas fossem empregadas com certa legitimidade. Destaca-se também que nas duas ocasiões a Rússia pode mostrar ao mundo sua capacidade de mobilização, quando em 2014 realizou o maior movimento de tropa por trem desde a segunda guerra mundial e em 2015 por intervir em um conflito distante de seu entorno estratégico.

## 5.2 As Singularidades

Após destacarmos os pontos comuns entre os conflitos, cabe destacar aquilo que distingue um conflito do outro. Cada guerra possui suas peculiaridades apesar de um dos contendores ser o mesmo e o espaço temporal ser relativamente pequeno entre os dois conflitos. O principal ponto que diverge a Ucrânia da Síria são os objetivos estratégicos estabelecidos pela Rússia. Na Ucrânia, virtude de um passado muito próximo com a Rússia e a ambição russa de reconquistar a Criméia, o estado final desejado era a anexação da Criméia e interromper a influência do Leste na Ucrânia. Já no Oriente Médio os russos não possuíam objetivo de conquista, só pretendiam manter o *status quo*<sup>33</sup>, mantendo no poder o Bashar Al-Assad e assim não perder influência na região. Logo os objetivos estratégicos dos dois conflitos são a primeira diferença entre eles.

Outro fator que distingue bem as duas campanhas russas, diz respeito à estratégia traçada para emprego das forças. Na Síria a Rússia optou por não empregar grandes efetivos terrestres e assim se ver envolvida em uma guerra semelhante à que ex-URSS se envolveu no Afeganistão de 1979 a 1989. Por outro lado a Rússia optou por lançar mão de tropas terrestres não russas para compor o componente terrestre, assim minimizando suas baixas e seus gastos financeiros. A campanha russa foi centrada no vetor aéreo, uma guerra convencional focada

---

<sup>33</sup>Expressão em língua latina que significa “no estado das coisas” (*Dicionário escolar da Língua portuguesa Academia Brasileira de Letras*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 2008).

na campanha aérea apoiando tropas terrestre não russas, dessa forma pode suplantar os opositores de Bashar Al-Assad e mantê-lo no poder.

Podemos assim afirmar que as ações russas tiveram aderência aos conceitos de guerra híbrida, empregando ações militares e não militares, convencionais e irregulares, políticas e diplomáticas, fundindo uma série de métodos em busca dos seus objetivos bem definidos. Apesar de possuírem bastantes pontos em comum, existem pontos divergentes que particulariza bem um conflito do outro. Podemos dizer que a as ações russas na Síria são uma evolução se comparados com a Ucrânia. Sua conduta na guerra síria tem sido mais assertiva pois estão alcançado seus objetivos sem a oposição da comunidade internacional como foi na Ucrânia, pelo contrário, com a sua propaganda de combate a grupos terroristas e seu emprego de um reduzido efetivo terrestre nacional russo, Moscou tem conseguido apoio interno e externo. Aparecendo como um grande ator internacional capaz de reverter à crise na Síria e atenuar a crise dos refugiados na Europa, o governo de Vladimir Putin tem conseguido retroceder com o isolacionismo imposto pela campanha da Ucrânia.

## 6 CONCLUSÃO

No presente trabalho buscou-se analisar a conduta russa nos conflitos da Ucrânia e Síria, nos anos de 2014 e 2015 respectivamente, de modo que fosse possível estabelecer se as ações da Rússia tiveram concordância com os conceitos de guerra híbrida abordados por Frank G. Hoffman. Uma vez analisados os conflitos foi possível realizar uma comparação entre as duas guerras destacando as similaridades e singularidades da campanha dos russos nos conflitos em questão.

Para atingir o nosso objetivo, a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos de desenvolvimento. Um capítulo se propôs à apresentação da base teórica necessária ao entendimento do conceito de guerra híbrida. No capítulo seguinte, estudamos a campanha russa na Ucrânia e analisamos se a sua forma de condução teve semelhança com os conceitos de guerra híbrida. No capítulo subsequente, foi a vez de analisarmos as operações russas na Síria se possuíam concordância com os conceitos de Hoffman. Como parte final do desenvolvimento do trabalho, traçamos uma comparação entre as formas de combater das tropas russas nos dois países e assim perscrutar o objeto de pesquisa à luz do modelo teórico, buscando concluir acerca da comparação realizada.

Ao nos debruçarmos sobre a teoria de Frank G. Hoffman sobre a guerra híbrida, no capítulo dois deste trabalho, realizamos também apropriações de outros conceitos que ajudam ao entendimento do tema. Outrossim, identificamos que o conceito de guerra híbrida surgiu no início do século XXI, se tratando de uma forma de guerra que mistura métodos diferentes, abrangendo além de ações militares, já comuns nas guerras, as ações não militares que estiverem disponíveis aos contendores. A fusão entre métodos ortodoxos e não convencionais dão realmente uma roupagem de algo novo a guerra híbrida, mas em sua essência não se trata de algo inédito nas histórias das guerras, somente uma abordagem nova com novas ferramentas.

No conflito da Ucrânia vimos que a nova abordagem para o Exército russo, apresentado pelo General Valery Gerasimov, foi conduzido de acordo os conceitos da guerra híbrida, apesar da Rússia não utilizar dessa denominação, largamente empregados na guerra da Ucrânia. Valendo-se de ações nos diversos níveis de condução da guerra a Rússia empregou uma campanha sinérgica e integrada buscando atingir seu estado final desejado que foi a anexação da Criméia.

No capítulo que abordamos o conflito sírio, constatamos o pragmatismo russo e assertividade de suas ações na busca dos objetivos estratégicos. Percebemos que na Síria a Rússia coordenou com grande eficiência suas capacidades militares e não militares, tendo seus efeitos extrapolados os objetivos estratégicos e chegando até o nível político, quando a Rússia passou a ser considerada como a única capaz de estancar a crise dos refugiados na Europa.

Após a abordagem dos conflitos, como última parte do desenvolvimento, tratamos de tecer uma comparação entre as ações russas nas duas guerras, destacando os pontos em comuns e os pontos divergentes. As similaridades ocorreram em diversos campos, destacamos que na esfera informacional, as forças russas atuaram bastante nesse campo, conseguindo moldar o campo das informações a seu favor. A guerra irregular foi outra ferramenta amplamente utilizada nas duas situações, tanto o apoio e treinamento de outros grupos como ações irregulares dentro do país alvo. A campanha convencional também foi empregada na guerra ucraniana e síria, apesar de serem de naturezas diferentes. Além disso, a Rússia também realizou uma forte campanha política e diplomática visando potencializar suas ações.

Como cada conflito tem sua peculiaridade, no leste europeu e no Oriente Médio não foram diferentes, apesar do pequeno decurso de tempo entre as duas guerras, as ações russas tiveram alguns pontos divergentes cujo quais destacamos os objetivos estratégicos possuíam naturezas diferentes, no conflito ucraniano o nível estratégico russo traçou como



objetivo a anexação da Criméia, diferentemente do que foi estabelecido na guerra síria, onde os objetivos eram a manutenção do governo de Bashar Al-Assad e o impedimento da implantação de um governo pró-ocidente no país. Como citado anteriormente às forças convencionais também tiveram naturezas diferentes, na Síria as forças convencionais foram centradas em vetores aéreos, além disso, a Rússia lançou mão de forças terrestre não-russas para a realização da campanha terrestre, apoiadas pela força aérea de combate russa, assim a Rússia não se envolveria da mesma forma que a URSS se envolveu no Afeganistão entre 1979 a 1989.

De acordo com ora exposto, a argumentação apresentada teve com propósito responder se o emprego das tropas russas na Ucrânia e Síria, nos anos de 2014 e 2015 respectivamente tiveram aderência ao conceito de guerra híbrida, apresentada por Hoffman e além disso, destacar as singularidades e similaridades nos dois conflitos. Assim podemos afirmar que a Rússia empregou seus métodos, técnicas e procedimentos de acordo o conceito de guerra híbrida, no que pese não adotar essa denominação para esse tipo de forma de condução do conflito.

Sugere-se, como possibilidade de pesquisa futura, investigar se a conduta americana nos conflitos do Afeganistão e Iraque tiveram aderência com o conceito de guerra híbrida.

Finalmente, depreendemos a relevante implicação para a Marinha do Brasil em tirar proveito desses dois conflitos com características típicas das guerras do século XXI. Nas guerras do futuro com o ambiente cada vez mais difuso, o estudo dos conflitos permite a correta percepção das ameaças que serão enfrentadas. Desse modo a atualização de nossa doutrina e de nossas técnicas e procedimentos devem ser buscadas com o intuito de estar capaz de atuar em uma guerra que aborde um amplo espectro.

## REFERÊNCIAS

- BARTLES, Charles K. Para entender Gerasimov. *Military Review*, mar./abr. 2016. Disponível em: [https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview\\_20160430\\_art010POR.pdf](https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160430_art010POR.pdf). Acesso em: 4 abr. 2020.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. São Paulo: Fundamento. Educacional, 2008. Título original: A short history of the 20th century.
- FERNANDES, H. As novas guerras: o desafio da guerra híbrida. *Revista de Ciências Militares*, v. 4, n. 2, p. 13-40 nov. 2016.
- FLEMING, Brian P. *The hybrid threat conflict: contemporary war, military planning and the advent of unrestricted operational art*. 2011. Monograph - School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, Kansas, 2011. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?view&did=700828>. Acesso em: 7 abr. 2020.
- FRANÇA, Júnia L. VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- GALULA, David. *Counterinsurgency warfare: theory and practice*. New York: Praeger, 1964.
- GILES, Keir. *Handbook of Russian information warfare*. Rome. Roma: NATO Defense College, 2016. (Fellowship Monograph Series, 9). Disponível em: [https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4262/1/2016\\_Handbook%2C%20Russian%20Information%20Warfare.pdf](https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4262/1/2016_Handbook%2C%20Russian%20Information%20Warfare.pdf). Acesso em: 2 jun. 2020.
- HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21<sup>o</sup> Century: the rise of hybrid war*. Virginia: Potomac Institute for Policy Studies, dec. 2007. Disponível em: [https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac\\_hybridwar\\_0108.pdf](https://www.potomac institute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf). Acesso em: 5 abr. 2020.
- HUBER, Thomas M. (ed.). *The compound warfare: that fatal knot*. Oregon: University Press of the Pacific, 2004.
- JONES, Seth G. (ed.). *Moscow's war in Syria: a report of the CSIS Transnational Threats Project*. Washington, D.C.: Center for Strategic International Studies, 12 May 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/moscows-war-syria>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- KAPLAN, Robert D. *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. São Paulo: Contexto, 2013.
- KARBER, Phillip. *The Russian military forum: Russia's hybrid war campaign: implications for Ukraine and beyond*. Washington, DC: Center for Strategic and International Studies, 2015. 1 vídeo (1h24min). Publicado pelo canal CSIS. Disponível em: <https://www.csis.org/events/russian-military-forum-russias-hybrid-war-campaign-implications-ukraine-and-beyond>. Acesso em: 5 abr. 2020.

KASAPOGLU Can. Russia's renewed military thinking: non-linear warfare and reflexive control. *NATO DefenseCollege*, n. 121, nov. 2015. Disponível em: <http://www.ndc.nato.int/news/news.php?icode=877>. Acesso em: 8 maio 2020.

LEAL, Paulo Cesar. A Guerra híbrida: reflexos para o sistema de defesa do Brasil. *Doutrina Militar em Revista*, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/DMT/article/download/722/775>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LIND, William S. et al. The changing face of war: into the fourth generation. *Marine Corps Gazette*, v. 73, n. 10, p. 22-26, Oct. 1989. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-Changing-Face-of-War%3A-Into-the-Fourth-Lind-Nightengale/2fd541a48abb544e1cd8dde7bdbc1fd8634b623d>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LUCENA, Gleydson Gonzaga de. *A geopolítica da Guerra Civil Síria e suas implicações para o Brasil*. 2017. Dissertação (Mestre em Geografia, na área de Produção do Espaço Urbano e Regional, subárea: Geopolítica do Brasil e do mundo). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31598>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MILLER, David Byers. Russia's Crimea Conquest. *Blog David Miller*. Virginia, USA, 10 Mar. 2014. Disponível em: <https://blogs.nvcc.edu/damiller/2014/03/10/russias-crimea-conquest>. Acesso em: 16 abr. 2020.

NEMETH, William J. *Future war and Chechnya: a case for hybrid warfare*. 2002. Thesis (Master of Arts in National Security Affairs) - Naval Postgraduate School, Monterey, CA, 2002. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/handle/10945/5865>. Acesso em: 2 maio 2020.

NUNES, Isabel Ferreira. Os conflitos regionais e a segurança internacional. *Nação e Defesa*, n. 80, p. 149-172, 1996. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/1558>. Acesso em: 30 abr. 2020.

NURK, Siim. *Russian hybrid warfare in the Ukraine*. Tallinn: Tallinn University of Technology, 2016.

OSHISANYA, 'laiOshitokunbo. *An almanac of contemporary judicial restatements*. [S.l.]: Almanac Foundation. 2015. (General Civil Law, v. 2).

PICCOLLI, Larlecianni et al. A guerra híbrida e o papel da Rússia no conflito Sírio. *Revista Brasileira de Assuntos de Defesa*, Brasília, DF, v. 3, n. 1. jan./jun. 2016. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/63960>. Acesso em: 13 jun. 2020.

RÁCZ, András. *Russia's hybrid war in Ukraine: breaking the enemy's ability to resist*. Finland: Finnish Institute of International Affairs, 2015. Disponível em: [http://www.fiia.fi/fi/publication/514/russia\\_s\\_hybrid\\_war\\_in\\_ukraine](http://www.fiia.fi/fi/publication/514/russia_s_hybrid_war_in_ukraine). Acesso em: 15 maio 2020.

UNITED STATES. Department of the Army. *The national military strategy of the United States of America*. Washington, D.C, 2015. Disponível em:

[https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/2015\\_National\\_Military\\_Strategy.pdf](https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/2015_National_Military_Strategy.pdf)  
Acesso em: 7 maio 2020.

VISACRO, Alessandro. *A guerra na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2018.

VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular terrorismo: guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Contexto, 2009.

VON DER HEYDTE, Friedrich August. *A guerra irregular moderna em políticas de defesa e como fenômeno militar*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

VOLKENBURG, Clayton A. Van. *Russianhybridwarfare in Syria: airforce, privatemilitarycontractorsanddis-information*. Toronto. Canadian Forces College, 2018. Disponível em: <https://www.cfc.forces.gc.ca/259/290/402/305/vanvolkenburg.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

## ANEXO A

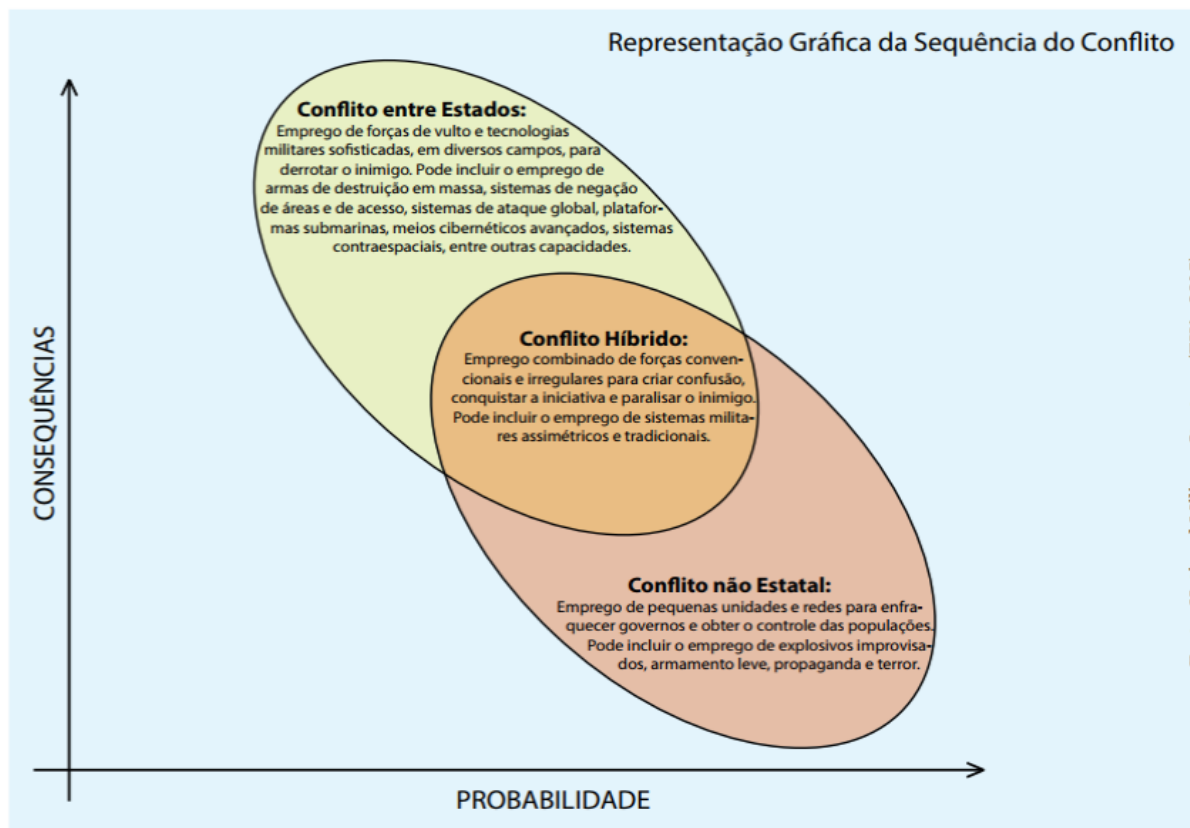


FIGURA 1 – Representação gráfica do *Continuum* do Conflito  
 Fonte: LEAL, 2016.

## ANEXO B



FIGURA 2 – Representação Gráfica do conceito de Guerra Híbrida  
Fonte: LEAL, 2016.

## ANEXO C

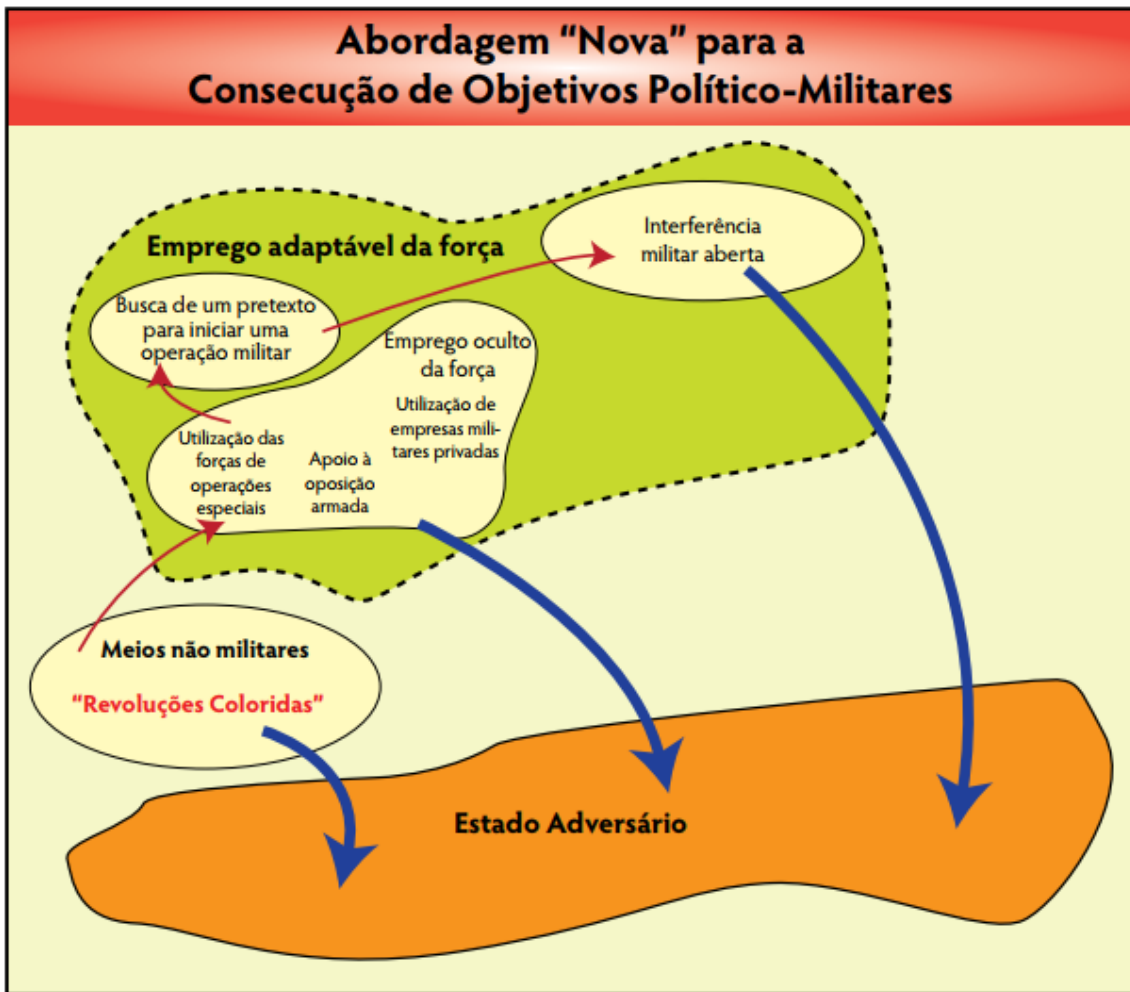


FIGURA 3 – Representação Gráfica da “Nova Abordagem” apresentada pelo General VelaryGerasimov na Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional  
Fonte: BARTLES, 2016.

## ANEXO D



FIGURA 4 – Linha do Tempo das Operações Russas na Criméia  
Fonte: MILLER, 2014.



## ANEXO E

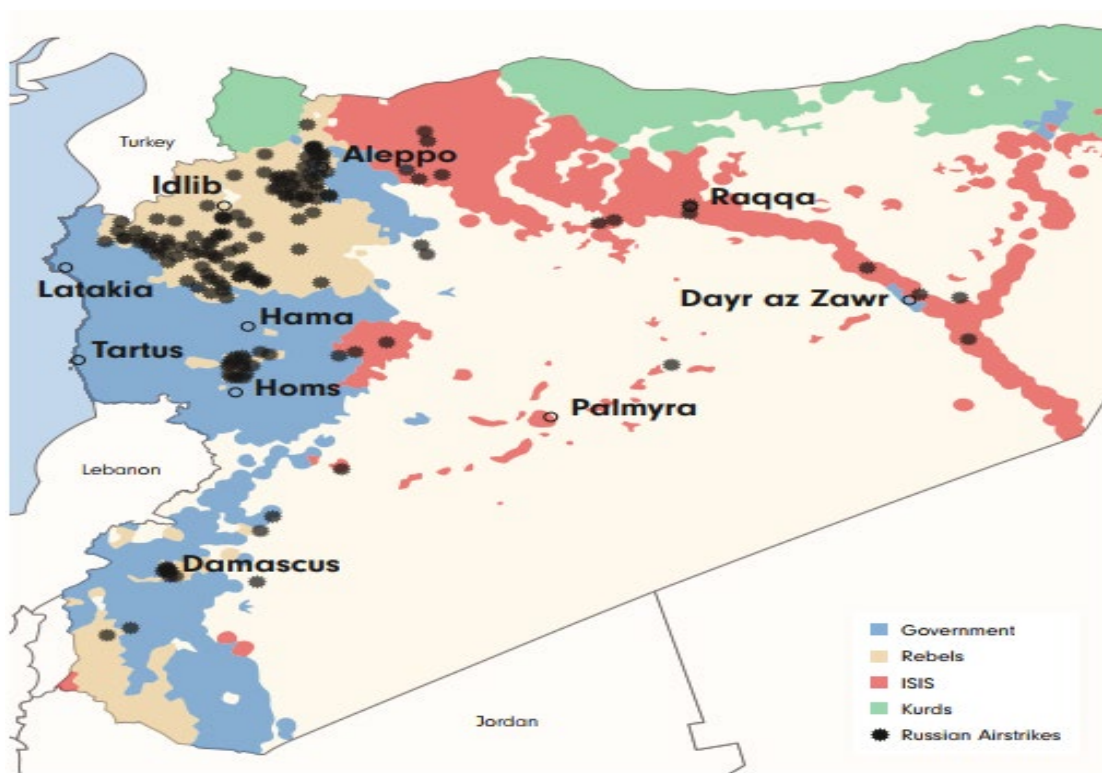


FIGURA 5 – Ataques aéreos da Rússia na Síria de 30 de Setembro a 30 de Outubro de 2015  
Fonte: JONES, 2020.